

MACEIÓ PARA TODOS: MODOS DISSIDENTES DE OCUPAR E CONSTRUIR A CIDADE

MACEIÓ FOR ALL: DISSIDENT WAYS OF OCCUPYING AND BUILDING THE CITY

BORGES, HILDA MARINHO AMARAL; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUZA.

RESUMO

A partir da compreensão de que a sociedade brasileira é estruturada pela lógica cisheteronormativa, patriarcal, racista e capitalista, o presente artigo contextualiza o direito à cidade por perspectivas dissidentes em Maceió-AL, trazendo uma breve abordagem sobre a identificação e caracterização de representatividades LGBTQIA+ na esfera pública na cidade, além de narrativas deste público sobre viver na capital de Alagoas, considerado o estado mais perigoso e letal para essa população com o índice de 6,02 mortes em relação à média nacional de 2,01 (TRIBUNAL, 2018). Busca-se ressaltar a importância da participação de representatividades não-hegemônicas na produção e ocupação dos espaços públicos.

Palavras-chave: Espaços públicos. Representatividade LGBTQ+. Maceió.

ABSTRACT

The cisheteronormative and patriarchal logic governs capitalist society and marks who takes possession of the spaces of management, use and occupation of urban territories (BERTH, 2016). This article contextualizes the right to the city from dissidents perspectives, from the identification and characterization of LGBTQIA+ representatives in the public sphere in Maceió, and collection of narratives from this audience that lives in the capital of Alagoas, considered the most dangerous and lethal state for this population with a rate of 6.02 deaths compared to the national average of 2.01 (TRIBUNE, 2018). In this context, the present research seeks to characterize the participation of non-hegemonic representatives in the production and occupation of public spaces in Maceió.

Key-words: Public spaces. LGBTQIA+ representatives. Maceió.

INTRODUÇÃO: PESSOAS LGBTQ E O ESPAÇO URBANO

A gestão, o uso e a ocupação dos territórios urbanos são marcados pela lógica cisheteronormativa, racista e patriarcal que rege a sociedade capitalista no país (BERTH, 2016). Na disputa pelo espaço urbano, este é idealizado e ocupado de tal maneira que as demandas de minorias sociais, são obliteradas e, portanto, desconsideradas "no tocante às escolhas sobre que forma e função os espaços públicos teriam e como seriam acessados" (CASIMIRO, 2017).

Entre as minorias sociais, cujo direito à cidade é cotidianamente negado, destaca-se a população LGBTQ, em particular, pessoas transgêneras e não-binárias. Essas últimas não se identificam com nenhum dos dois gêneros definidos pela lógica binária (feminino ou masculino), ou possuem um gênero fluido e transitam entre ser/ tornar-se homem ou mulher; pessoas andróginas, cujo a denominação surge da junção das palavras andro (homem) e ginia (mulher) e está relacionada à mistura de referências e modos de se expressar considerados como feminino e masculino. A população Queer, na qual seu título, como tantos outros relacionadas à comunidade LGBTQ, foi inicialmente utilizado como ofensa – em inglês significa "excêntrico" – mas, com o tempo foi reapropriado por esses corpos dissidentes e hoje é usado para designar pessoas que escapam do padrão cis-heteronormativo.

Essa população por muitas vezes aciona táticas dissidentes no enfrentamento das opressões da cidade do "pensamento único", assim, se utiliza do dinamismo da linguagem, reapropriando termos hegemônicos para tensionar uma língua que é binária, racista, sexista e excludente, como tática de inclusão da diversidade sexual e seus diferentes modos de experienciar a cidade. Cabe ressaltar, ainda, que minorias não necessariamente estão em menor número na sociedade, mas sim em um grupo em desvantagem social, ou seja, têm seu direito à cidade negado na medida em que ocupam pouco os espaços de poder e comumente sofrem comportamentos sociais discriminatórios e preconceituosos, inclusive nos modos em que o espaço urbano é produzido, sem considerar demandas próprias dessa população.

PROCESSO PARA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO

Para este trabalho foi realizado o levantamento de dados oficiais (documentação pública online) referente à representatividade LGBTQ em Maceió, a fim de caracterizar a participação dessas minorias na produção e ocupação dos espaços que decidem e desenhavam a cidade. Além da sistematização dos dados quantitativos

encontrados, também foram levantados dados qualitativos sobre a experiência de cidade para pessoas cujos corpos são desviantes da hegemonia cisheteronormativa em Maceió (Pesquisa de campo, 2021).

Nesta última etapa, foram coletadas narrativas autobiográficas sobre as vivências (e violências) nos espaços livres públicos por meio de diversas expressões, como textos, imagens e mensagens de áudio. Após a análise das narrativas imagéticas e textuais recebidas, foi confeccionado um artefato gráfico a fim de publicizar parte da pesquisa no espaço público. Dessa maneira, foram elaborados lambe-lambes (ou pôsteres de rua) que foram colados em um trajeto que delinea a orla marítima, considerada área nobre e de grande visibilidade e circulação de pessoas na cidade. A investigação conclui trazendo uma perspectiva geral sobre a experiência de cidade da população LGBTQ em Maceió e destaca que a violência e marcas de sofrimento ainda são constantes, seja nas estatísticas, seja nas narrativas coletadas. Entretanto, cabe evidenciar manifestações insurgentes desses corpos dissidentes na ocupação (contra hegemônica) dos espaços públicos da cidade.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO DIREITO À CIDADE PELA PERSPECTIVA NÃO-BINÁRIA

Frente a um modelo de desenvolvimento urbano que resultou em cidades com profundas marcas segregadoras, violentas e ambientalmente insustentáveis (PINHEIRO, 2017), a construção de cidades seguras no Brasil deste novo milênio envolve a participação ativa das minorias sociais, no enfrentamento à negação de suas integridades físicas e psíquicas. Portanto, é fundamental investigar como tem se dado o reconhecimento de políticas públicas que acolham as diferenças relativas à temática de um urbanismo sem gênero, valorizando a população que não se enquadra no binarismo.

Como citado pelo filósofo Paul B. Preciado, em seu texto intitulado "*Transfeminismo*":

Gênero é algo que fazemos, não algo que somos – algo que fazemos juntos. Uma relação entre nós, não uma essência. O gênero pode ser usado como uma máquina, com uma única diferença: em relação ao gênero, você (corpo e alma) é o usuário e a máquina ao mesmo tempo. Gênero não é uma máquina que você possui. Pelo contrário, é uma máquina viva que você incorpora e usa sem possuí-la. Gênero não é uma questão de propriedade individual. O gênero nos é imposto

em uma rede de relações sociais, políticas e econômicas, e é apenas dentro dessa mesma rede que ele pode ser renegociado (PRECIADO, 2018, [s.p.]).

Então, tomando o gênero como uma imposição social, pessoas não-binárias rompem com a heteronormatividade na cidade, mecanismo neocolonial de controle e marcação dos corpos que rege as violências de Estado (BUTLER, 2016). As opressões sofridas pelo público LGBTQ se interseccionam, visto que variam de acordo com a região e as circunstâncias socioeconômicas e culturais (GGB, 2022) sendo o espaço público o local onde essas vivências diversificadas, que são resistência ao padrão imposto, sofrem apagamento e/ou opressão. Por isso, a população LGBTQ tem que estar sempre pautando suas lutas e reivindicando seu espaço, seu direito à cidade.

Além disso, dentro do próprio movimento ocorrem divergências e demandas específicas, como é o caso de pessoas transexuais, por exemplo, que acabam sendo negligenciadas por falta de inclusão e oportunidades de educação, trabalho, saúde e lazer.

Nessa perspectiva, no cenário alagoano, a Associação das Travestis e Transexuais de Alagoas - ASTTAL foi fundada devido à necessidade da criação de um espaço que fosse voltado exclusivamente para Travestis e Transexuais, para que essas pessoas tivessem suas necessidades específicas atendidas, a fim de obter um maior alcance de suas pautas no cenário político nacional.

A ASTTAL se vinculou à Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA que, de acordo com SILVA (2016) "(...) faz com que a associação possa pautar muitas de suas lutas em consonância com as que estão sendo pleiteadas por e para travestis e transexuais a nível nacional, além de proporcionar uma outra visão sobre seu próprio estado." Outra iniciativa mais recente é o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR), criado em 2021, vindo a ser a primeira Casa de Acolhimento de Alagoas para pessoas LGBTQIA+, sendo também prestadora de serviços como: assistência social, serviços médicos, cursos, aulas de línguas, reforço escolar, cursos preparatórios para concursos, orientação jurídica, assistência psicológica e outros serviços.

Ainda assim, os dados quantitativos acerca das mortes violentas de LGBT+ (gráfico 1) mostram que o Brasil teve "ao longo das duas últimas décadas uma média de 243 mortes por ano, sem uma resposta efetiva do poder público" (GGB, 2022). Parte dessa ausência de resposta à perda dessas pessoas se dá pela escassez de repre-

sentatividades nas esferas de poder e produção do espaço público e assim, força o apoio para a comunidade pautar suas demandas específicas.



Gráfico 1 - Mortes violentas de LGBT+ no Brasil.

Fonte: GGB, 2022.

Outro fator importante de análise é a queda que ocorreu nos anos de 2019 e 2020, que não foi decorrente de ações para mitigar tais mortes, mas sim, consequência do isolamento social recomendado pelas autoridades de saúde durante a pandemia do coronavírus. Analisando um recorte mais específico, o cenário nordestino, no qual Alagoas está inserido, apresenta o maior número de casos de mortes violentas de LGBT+ (tabela 1) de acordo com o documento "Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil relatório do Grupo Gay da Bahia, 2021".

Região	Quant.	%
Nordeste	106	35,33
Sudeste	101	33,70
Centro-Oeste	33	11,00
Norte	30	10,00
Sul	27	9,00
Sem informações	3	1,00
Total	300	100

Tabela 1 - Casos de mortes violentas de LGBT+ por regiões do Brasil, 2021

Fonte: GGB, 2022.

Outro dado importante coletado pela ANTRA e divulgado pela Aliança Nacional LGBTI+ em formato de cards (cartelas digitais), disponibilizados na rede social Instagram, através do usuário "@cidadequeer", foi o levantamento de candidaturas trans, realizadas desde 2014. Ele aponta que em 2020, 25 pessoas trans foram

eleitas no Brasil (16 pertencentes aos partidos de esquerda), resultando um total de 294 candidatos. Mesmo com o aumento da participação de transgêneros nas esferas do poder político municipal, Maceió - e o estado de Alagoas - continua com ausência dessas representatividades, uma vez que nenhum indivíduo transexual foi eleito e o único cargo que apresentou candidatura com pessoas transexuais foi para vereança, cujos candidatos foram: Júlio Albuquerque, Bárbara Nagman e Cris De Madrid.

Em contrapartida aos dados quantitativos apresentados, nota-se que as representatividades Queer em Maceió concentram-se, em sua maioria, voltadas para o campo da arte, como o coletivo UMBRAL, que por meio de performances audiovisuais, manifesta e explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente. O coletivo conta com artistas como: Penélope Hadid, Morgana Snoww, Alejandra Moican Vortex, Gretchen Cibernética e outras. Nas artes visuais, Lírio Negro, que também é Coordenador Titular da Área Não-Binária da Aliança Nacional LGBTI+, não-binária, pauta lutas essenciais nos eventos que participa e em sua vivência diária. E, junto à Raí Lima, pessoa intersexo, Letícia Ravache, mulher transgênera, pela ação do coletivo Pró LGBT, o “Quê do Movimento – Visibilidade TQIAPNB+” e à Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos – Semudh, promoveram o 1º Encontro e Celebração do Orgulho Genderqueer e Não-Binário de Alagoas. Ocorrido no dia 14 de julho, em consonância ao Dia do Orgulho Não-Binário (ÂNGELIS, 2019).

Outra ativista que luta pela representatividade da comunidade é a Natasha Wonderfull que conta, ao participar da mesa de debate intitulada “(R)existência da comunidade LGBTQIA+: CISTemas e o direito à cidade”, mediada pelo Programa de Educação Tutorial (PET) de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (2020), sua experiência trabalhando como “puta” (linguajar da população trans, que mantém esse nome como forma de luta) na Itália e aponta que, antes das nomenclaturas atuais, da militância, da luta pelo nome civil e o nome social, mulheres trans e travestis eram tratadas no masculino. Ela também reafirma seu trabalho interpretando muitas mulheres negras em sua arte de transformista e conta, também, que ao voltar da Itália para Maceió, encontrou um apagamento das mulheres travestis.

Logo, Natasha, junto a Dinah Ferreira e Renata criaram um grupo de espetáculo em 2014 com a finalidade de tirar “as meninas da noite e botar no palco” dando visibilidade e apresentando as travestis às pessoas que, até então, só as veem durante a noite na prostituição ou nos noticiários com informações negativas. Rela-

ta, ainda, que no início houve uma dificuldade em levar o público, principalmente a família, aos teatros, pois viam um show de travestis como sinônimo de depravação, porém, com o tempo o grupo quebrou esses paradigmas, mostrando a potência artística das mulheres travestis. De 2014 até os dias atuais, em 2021, o grupo de travestis e transexuais evoluiu e trouxe muitas oportunidades de trabalho para as frequentadoras, apesar de ainda não ter um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), o que de acordo com Natasha dificulta, pois o grupo não pode realizar projetos (WONDERFULL, 2020).

Diante das constantes violências que marcam as trajetórias de vida da população LGBTQ+, na última etapa desta investigação, foi possível interagir com algumas pessoas voluntárias não-binárias e cisgêneras homossexuais que residem em diferentes macrozonas da cidade (FARIA, 2016). Por meio de seus relatos pessoais, buscou-se compreender como é vivenciar a cidade de Maceió a partir de uma perspectiva que escapa da cisheteronormatividade. Para isso, foram identificadas, nas redes sociais das próprias autoras, possíveis pessoas-interlocutoras que atenderam ao convite de participar desse trabalho científico, narrando seus relatos autobiográficos de vivências (e violências) nos espaços livres públicos de Maceió através de diferentes expressões: textuais, sonoras, fotográficas, pictóricas, poéticas etc.

A primeira narrativa imagética e oral coletada foi a de Geoneide Brandão (figura 1), artista visual não-binária e bissexual. Sua arte traz em destaque a cor vermelha, marcada nos prédios que tapam sua visão destacando os escritos "Eles não me deixam ver o céu. Eles não me deixam ver. Eles não me deixam... Aaaaaah!!!". Ela complementa sua narrativa com a seguinte fala:

"Em relação a minha expressão de gênero as coisas começaram a ser diferentes quando raspei o cabelo pela primeira vez, depois disso as pessoas começaram a me tratar no masculino na rua ou até mesmo a ficar em dúvida sobre o meu gênero. Mas nunca sofri nenhuma agressão física ou verbal direta. O que eu costumo causar é um desconforto por não saberem se sou homem ou mulher. De início eu ficava chateada pois me enxergava dentro do sistema binário. Hoje em dia, estudando e entendendo as ferramentas de gênero e a construção da nossa sociedade totalmente baseada na binariedade, eu gosto da ideia de que a minha existência de alguma forma gera questionamentos em relação a esses pilares". (Geoneide Brandão, conversa com a autora em 30. jul.2021).

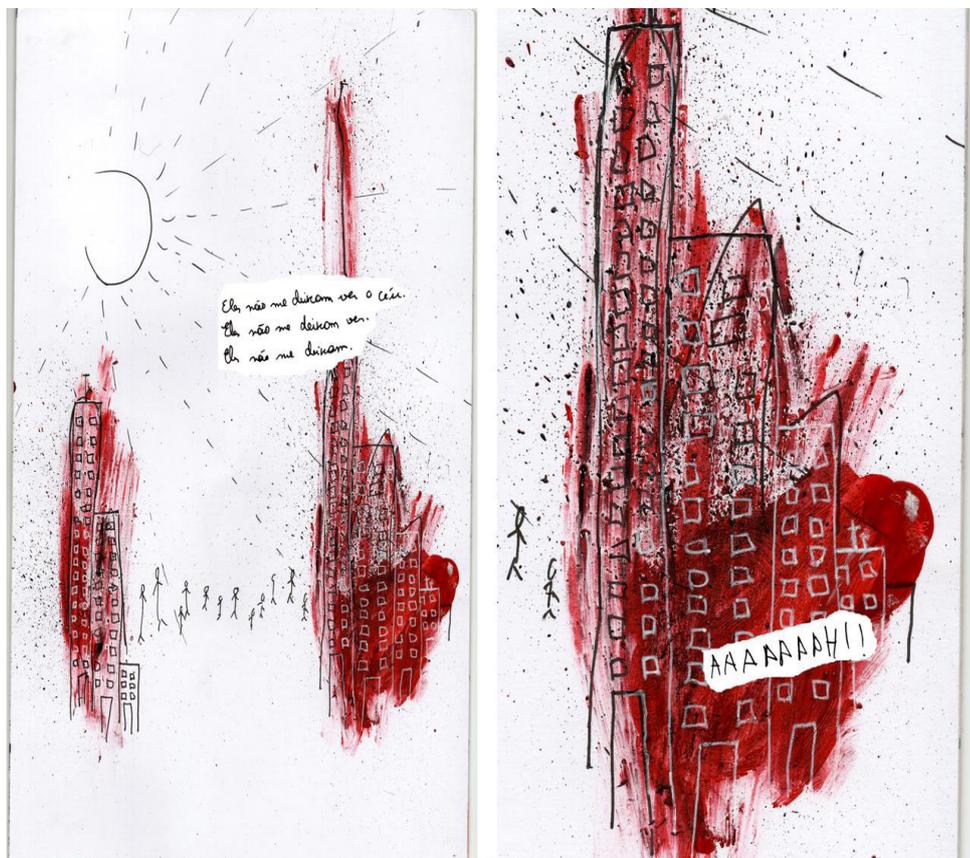


Figura 1 - "Eles não me deixam" (nankin e tinta guache sobre papel), 2017.

Fonte: Geoneide Brandão, 2021.

A partir dessa conversa, fica evidente sua relação com a cidade enquanto pessoa que escapa a cisheteronormatividade: aborda seus enfrentamentos no espaço público, sobretudo em relação ao gênero, narrando episódios da sua vivência quando se mudou do interior do estado para a capital, como quando raspou os cabelos pela primeira vez, entre outros episódios de quando não "performou o corpo" de acordo com os padrões hegemônicos (BUTLER, 2016).

Outra narrativa marcante foi a de Iel, artista pansexual e não-binária, que traz cores e flores na sua obra pictórica "Lugares Hostis" (figura 2). Porém, todos os elementos que compõem a pintura em guache trazem também expressões de dor, marcadas principalmente pelo vermelho "sangue", assim como na obra de Geoneide, e um corpo humano vivo e completamente perfurado que agoniza ao mesmo tempo em que floresce.



Figura 2 - "Lugares Hostis" (guache sobre papel 297x420mm) por regiões do Brasil, 2021
Fonte: Arte de Lel, 2021.

Todas as narrativas das pessoas não-binárias que participaram da pesquisa trazem elementos de dor e de luta. Nota-se pelas narrativas, que essas pessoas não são passivas à normatividade dos espaços, mas se colocam como elemento vivo e ativo, que é marcado mas também marca a cidade por meio de enfrentamento e ocupação dos espaços públicos.

A imagem produzida por Lara (Figura 3), mulher cis e bissexual, aborda um acontecimento de violência que a marcou quando narra: "Sou assumida há 5 anos, mas toda vez que saio de casa, ainda sinto o nervoso daquele dia [...]", por isso, quando completa "[...] Hoje eu tô rodeada de pessoas que me apoiam e tô bem com quem eu sou, isso me faz forte para enfrentar qualquer espaço, torcendo para que um dia não seja mais difícil", fica nítido que para ela, sentir-se segura no espaço público é estar rodeada de pessoas que a apoiam e possam protegê-la mas ainda assim reivindicando seu espaço.

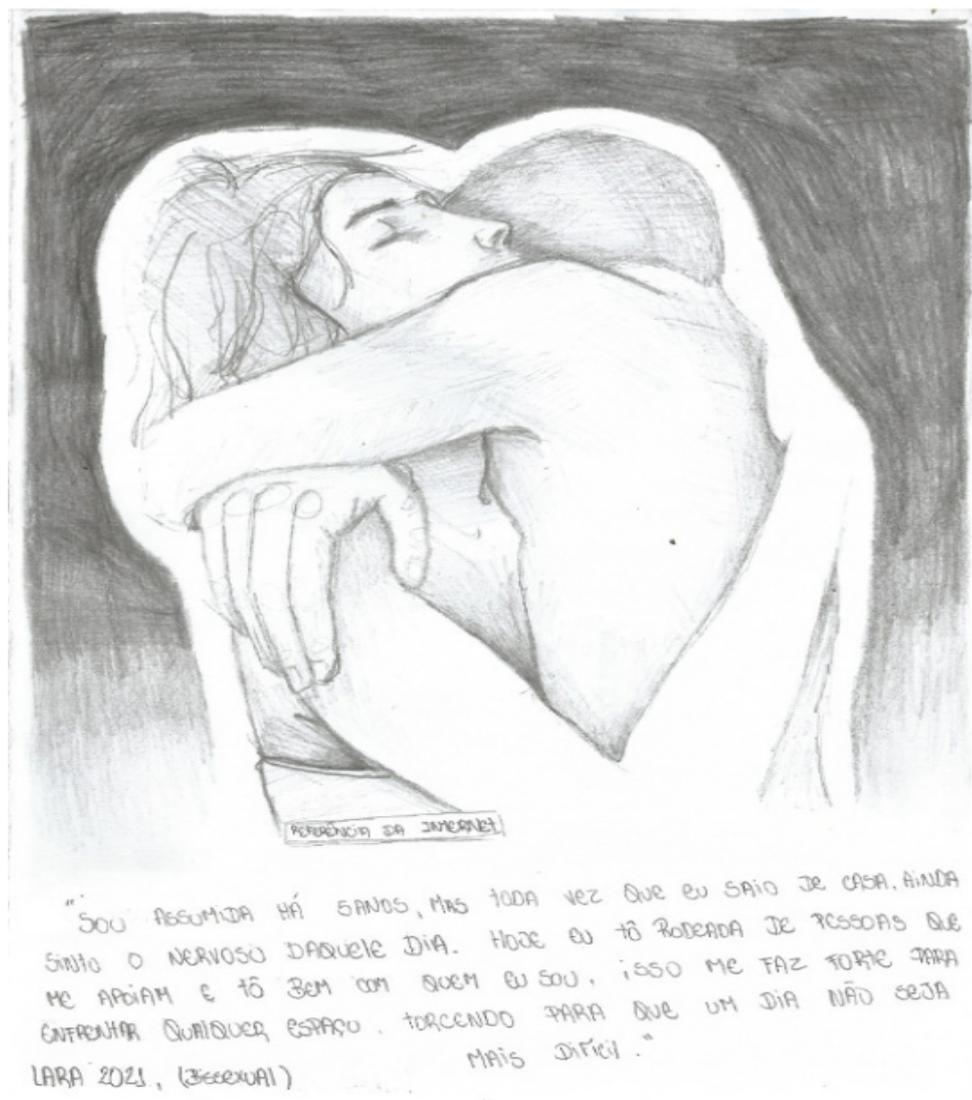


Figura 3 - Narrativas Gráficas (imagem e texto) Lara Amorim.
Fonte: Lara Amorim, 2021.

De acordo com Alexia,

"Viver em Maceió é encarar por muitas vezes muito preconceito e hostilidade de algumas pessoas, os ambientes, lugares e espaços não me passam completa sensação de liberdade e segurança, pelo contrário é preciso ter muita força e coragem para lidar com olhares e frases ditas por algumas pessoas. Apesar de se ter bons estabelecimentos que acolhem muito bem, não é bem a realidade da cidade." (Alexia Mendonça, conversa com a autora em 30. jul.2021).

A narrativa textual da Alexia, mulher cis e lésbica, assim como a da Lara, aborda a hostilidade dos espaços da cidade, ao mesmo tempo que destaca a existência de lugares em que se sente acolhida, apesar de não ser a realidade de toda a cidade.

Rodrigo Tenório, homem cisgênero e gay corrobora com as anteriores quando coloca:

“Porque ser LGBTQIA+ também é tolher a expressão de seu amor em lugares públicos por medo de não voltar sem cicatrizes - ou sem vida - pra casa. É procurar lugares desertos para poder demonstrar qualquer tipo de afeto. É, por conta de um abraço, apenas, receber, assim como os animais enjaulados de um zoológico, olhares surpresos na rua (...) É ser julgado, antes de seu caráter ou competência, por aquele com quem você tem relações sexuais. (...) Até que você se aceita. E todo resto virá só o resto. (...) não vale a pena desistir de si ou dos seus amores pelos outros. (...) Mas você não pode - e nem deve - repetir essa história. Com muita resistência, chegaremos lá(...).” (Rodrigo Tenório, depoimento à autora em 20 de julho de 2021).

É perceptível a dor no discurso de Rodrigo que, assim como todas as pessoas colaboradoras, afirma também que o caminho é a luta, a força e resistência contra a hegemonia cisheteronormativa.



Figura 4 - "Modulor dissidente": arte de Hilda.

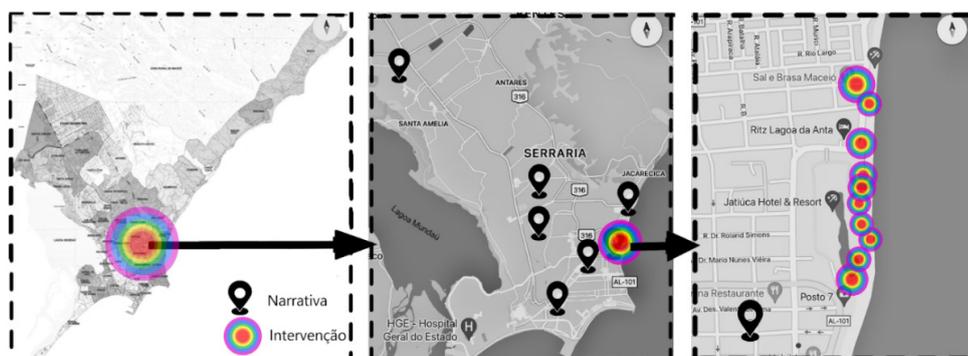
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A imagem acima (Figura 4), é a silhueta de um corpo feminino em vermelho, autorretrato da autora, mulher cis e lésbica, remete aos pensamentos que se embaralham cercando sua cabeça, as linhas pretas se encontram cortadas formando caminhos alternativos que precisa criar para ocupar e se colocar na cidade. As partes da arte se invertem entre o pescoço e corpo do modulor da autora,

que diferente do que dito por Le Corbusier (LE CORBUSIER, 2010) que aludia ao corpo de um homem caucasiano de 1,83 metros, representa um corpo com suas especificidades, que não é considerado bem-vindo na produção e ocupação do espaço urbano.

Após a análise das narrativas imagéticas e textuais recebidas, foi confeccionado o artefato gráfico que pudesse ser publicizado (previsto no plano de trabalho). Este se constituiu de lambe-lambes (ou pôsteres de rua) elaborados e impressos em tamanhos que variam entre A5 e A3, e colados em um trajeto de bastante visibilidade na orla marítima do bairro de Cruz das Almas (Figura 5), novo vetor de investimento do mercado imobiliário na cidade, situado próximo à Lagoa da Anta, área nobre e com grande circulação de pessoas, bastante valorizada pelo setor turístico e hoteleiro.

Figura 5 - Mapeamento das narrativas e intervenções por regiões do Brasil, 2021
Fonte: Google Maps, 2021. Adaptado pela autora, 2021 (sem escala).



A ação foi feita durante a noite, e na manhã seguinte já haviam sido arrancados alguns lambes, como aqueles que relatam experiências lésbicas na cidade.

Figura 6 - Imagens intervenção em Cruz das Almas

Fonte: Elaboração autoral, 2021.



A CIDADE PARA TODES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço urbano nas cidades brasileiras tem sido idealizado e

ocupado de tal forma que a presença de minorias sociais, especialmente da população não-binária, é ignorada e, portanto, desconsiderada "no tocante às escolhas sobre que forma e função os espaços públicos teriam e como seriam acessados" (CASIMIRO, 2017). Diante de um modelo de desenvolvimento urbano que resultou em cidades com profundas marcas segregantes, violentas e ambientalmente insustentáveis (PINHEIRO, 2017), a construção de cidades seguras no Brasil neste novo milênio envolve a participação ativa das minorias sociais no enfrentamento da negação de suas integridades físicas e psíquicas.

Os referenciais teóricos da pesquisa ecoaram no coletado referente aos dados oficiais quantitativos e aos dados qualitativos das narrativas e discussões apresentadas. Portanto, tendo o gênero como uma imposição social, pessoas não-binárias ocupam os espaços públicos da cidade, de modo a romper com a cisheteronormatividade, mecanismo neocolonial de controle e marcação dos corpos que rege as violências de Estado (BUTLER, 2016). Em síntese, o estudo buscou entender os modos contra-hegemônicos e não-binários de construir e ocupar a cidade. Ao final, a interferência com arte urbana nas ruas de Maceió foi também uma ação simbólica de reivindicação à visibilidade das demandas LGBTQ nos espaços públicos, expondo as opressões e lutas narradas nas interlocuções com essa população durante a pesquisa.

Se colocar na cidade de Maceió como um corpo desviante do padrão cisheteronormativo é se colocar em risco, mecanismos como a união desses corpos fortalece a luta por equidade na construção e ocupação dos espaços públicos, mas continua não sendo o suficiente. Os relatos coletados por essa pesquisa perpassam narrativas de dor, ao mesmo tempo em que se resiste e (re)existe, pois para a construção de cidades mais justas, é preciso que as políticas e planejamentos dos espaços públicos sejam elaborados juntos – com e pelas minorias, ou seja, é urgente que essas pessoas ocupem cada vez mais cargos e espaços de poder, representando a diversidade e a pluralidade da sociedade maceioense.

REFERÊNCIAS

ÂNGELIS, Joanna. 1º Encontro e Celebração do Orgulho *Gender-queer* e Não-Binário ocorre em Alagoas. 26.Jul.2019. Disponível em: <<http://www.mulherdireitoshumanos.al.gov.br/noticia/item/2116-1-encontro-e-celebracao-do-orgulho-genderqueer-e-nao-binario-ocorre-em-alagoas>> Acesso em: 12/03/2020.

ACONTECE LGBTI+, GRUPO GAY DA BAHIA, 2021. Relatório: Ob-

servatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil- 2020. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2021/05/Observatorio-de-Mortes-Violentas-de-LGBTI-13mai2021.pdf>> Acesso em: 12/09/2021.

BERTH, Joice. O Caminho da equidade no Planejamento do Espaço Urbano. In: REVISTA ARQUITETAS INVISÍVEIS. Pioneiras, V.01, 2016, p.73-74.

BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Paidós. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2016.

Conheça as candidaturas LGBTQIA+ eleitas em 2020. 16.nov.2020. Instagram: @cidadequeer. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHq9zCJAusl/>> Acesso em: 12/03/2020.

FARIA, Geraldo Majela Gaudêncio. Proposta de Macrozoneamento para Maceió. Texto produzido para o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Alagoas, CAU-AL, no âmbito de revisão do Plano Diretor. Mimeo, 2016, 18p.

GRUPO GAY DA BAHIA- GGB. Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil, relatório do Grupo Gay da Bahia, 2021. Bahia. 14 de março. de 2022.

LE CORBUSIER. O Modulor. Tradução, introdução e notas de Marta Sequeira. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL - 2020. Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

PRECIADO, Paul. B. Transfeminismo. Coleção Pandemia. Rio de Janeiro: N-1, 2018.

(R)existência da comunidade LGBTQIA+: CISTema e o direito à cidade. aurbfal. 20.Jun.2020. Mesa de debate. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EtY98u66oq0>> Acesso em: 12/03/2020. Participação de Natasha Wonderfull, Indianarae Siqueira e Jessica Tavares.

SILVA, Carolina. Da luta pela vida à busca pela cidadania: o ativismo político de travestis e transexuais na cidade de Maceió-AL (p.66-84; p.107-115). In Universidade Federal de Alagoas Biblioteca Central.

TRIBUNA 25.Jan.2018 Grupo Gay da Bahia - GGB Disponível em:
<<https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2019/01/25/alagoas-e-o-estado-mais-perigoso-para-populacao-lgbt/>> Acesso em:
14/09/2021